

## Há uma garoa

Há uma garoa apenas. Uma chuva miúda, um molhar sereno, devagar, infinito... A temperatura baixa é condizente com o quadro. E tudo isto é muito bom.

Eu vejo apenas a garoa, e ela é a única visão do meu desejo. Com ela, desce um sentimento forte de melancolia, alguns *flashes* que desfilam em minha mente na forma de assombramentos e marasmos - mas o que vejo nesses relampejos cênicos pertencem a lembranças motivadas pela garoa e, de fato, não são visões de agora, de modo que vejo somente o que desejo: uma garoa apenas.

Mas os *flashes* que insistem reprisam à minha frente, na tela enorme e cinza, o filme dolorido de um roteiro errante que, insistentemente, mostra apenas uma garoa. Uma história sem drama nem conflitos, sem heróis com seus antagonistas, na tela brumosa e encharcada de uma fina garoa.

Ainda agora, de minha janela vejo os telhados úmidos, sombrios, distantes, que recolhem no seu colo esta chuva miúda - e não vejo além do que desejo, porque os telhados úmidos assim estão por causa da garoa, portanto, e unicamente, é somente a garoa que vejo.

E em cada ponteira dessas telhas dos telhados úmidos há um ritmo perfeito de gotejar, uma cadência pontual entre os pingos, entre um pingar e outro, que a mais elaborada sinfonia cederia vez a vez a ver e ouvir essa harmoniosa evolução.

A tarde cai com um peso de chumbo, e eu vejo tão somente a garoa que flutua na sua leveza única da tarde. Ainda eleva-se do chão de terra o enlameado aroma, que tenta invadir-me outros sentidos, os quais, todos eles, repulso com os meus olhos encharcados da garoa.

E há tantas coisas mais na noite aquosa, silenciosa, erma e pesada, que encheriam o caderno do poeta atento. Mas eu vejo apenas a garoa.

Há uma garoa apenas.